

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



O DISCURSO COMO PRÁTICA SOCIAL

ENTREVISTA COM JOHANNES ANGERMULLER*

* **Sobre o entrevistado:** Johannes Angermuller é professor de estudos do discurso na University of Warwick, em Coventry, UK, líder do grupo DISCONEX (*The discursive construction of academic excellence*), membro do Instituto Marcel Mauss na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales* - EHESS, em Paris, onde ele atua no seminário *Les approches sociales des discours et des langues*. A sua formação acadêmica abrange linguística e sociologia, sobre esta última lecionou na Universidade de Mainz, na Alemanha, além de períodos como professor-visitante na Universidade de Harvard e na Universidade da Califórnia, nos USA. Em 2016, ministrou um minicurso durante a congresso da ALED na UFSCar, em São Carlos, SP. A heterogeneidade de sua carreira como pesquisador se reflete em um olhar bastante original sobre o fenômeno discursivo, na intersecção da sociologia e da análise do discurso, o que lhe permite lançar luz sobre alguns conceitos, intensificando a instabilidade que, felizmente, caracteriza a análise do discurso. A recente tradução brasileira de seu livro “Análise do discurso pós-estruturalista: as vozes do sujeito em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers”, publicado em português, alemão, inglês e francês (além de outras obras publicadas em espanhol e turco) é o mote para esta entrevista.

Sobre o entrevistador: Helio Oliveira é mestre e doutor em Linguística pela UNICAMP, com estágio de pesquisa doutoral na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (onde a entrevista foi realizada), em Paris. Atualmente é professor no curso de Letras da UNIFEOb, em São João da Boa Vista, SP, e pesquisa temas relacionados à circulação de discursos intolerantes e fórmulas discursivas, na perspectiva da Análise do Discurso franco-brasileira. É membro do Centro de Pesquisa FEStA - Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise, sediado no IEL/UNICAMP. E-mail: <helio.oliveira@unifeob.pro.br>.

Helio Oliveira (H.O.): Em “Análise do discurso pós estruturalista” (doravante, ADPE) são analisados textos de Althusser, Lacan, Foucault, Derrida e Sollers (ANGERMULLER, 2016). A escolha de cada um desses autores é justificada no início do capítulo 3, antes das análises. Entretanto, por que não incluir algum linguista, como Ducrot ou Benveniste?

Johannes Angermuller (J.A.): O termo pós-estruturalismo, na França, é bastante ambíguo, e representa certas “etiquetas” que foram dadas à geração estruturalista. Assim, o título joga com essa ambiguidade e também com o discurso que, sobretudo no mundo anglo-saxão, foi classificado como pós-estruturalista. Na França, esse termo é lido como representando uma espécie de análise pragmaticista, ou seja, uma análise pós-estruturalista de intelectuais estruturalistas. De fato, intelectuais como Ducrot e Benveniste fizeram parte da geração de estruturalistas que são analisados no livro, mas, ao contrário de outros intelectuais, eles são especialistas acadêmicos em disciplinas linguísticas, não engajados no espaço público. No meu caso, o interesse se concentra em discursos intelectuais que sejam mais englobantes, que cruzem diferentes espaços políticos, estéticos e mesmo teóricos. Benveniste (1976) e Ducrot (1987), entre outros, são, sem dúvida, inspiradores de movimentos teóricos, mas não são intelectuais no sentido que tomo esse termo.

H.O. Em ADPE você analisa excertos de textos reconhecidos pela comunidade acadêmica. Poderíamos dizer que alguns deles são consagrados. Por outro lado, seria possível encontrar fragmentos do discurso intelectual em textos que não sejam reconhecidos pela comunidade acadêmica? Por exemplo, em textos publicados em blogs ou mesmo em panfletos e jornais de militância, de circulação relativamente restrita? Imporiam as mesmas exigências na leitura?

J.A. De fato, eu escolhi passagens de discursos que são bastante reconhecidos como expressão de um projeto teórico; trata-se de uma escolha teórico-metodológica, é claro. A ideia é precisamente recorrer a uma abordagem polifônica para mostrar as vozes que compõem esses textos teóricos, além da voz do autor – por isso a preferência por textos mais estáveis, reconhecidos. De qualquer forma, é necessário apontar uma certa falha, entre aspas, desse livro: trata-se de um livro que tenta compreender como os textos mais abstratos, teóricos, constroem seus contextos, recorrendo às vozes que o constituem, ao processo discursivo, evocando uma configuração social que “envelopa” os enunciados. Ainda assim, este não é um livro que estuda os contextos sociais e teóricos propriamente ditos, mas a maneira como os textos recorrem a seus contextos, que estão ainda incompletos, em uma situação específica. Nesse sentido, procura-se ver como o discurso intelectual funciona em uma certa configuração, na qual temos apenas os enunciados de um discurso, digamos, público e também semi-público. Tudo isso em um espaço altamente fragmentado. Nesse sentido, seria muito interessante observar como os textos orquestram seus contextos em outros gêneros diferentes dos analisados no livro.

H.O. Haveria uma espécie de “registro intelectual” identificável linguisticamente, como a presença de linguagem culta, a escolha temática por questões de relevância social e histórica, além da predileção por certos gêneros mais reconhecidos e valorizados socialmente? Ou a questão relevante é sempre algum tipo de polifonia?

J.A. Sob meu ponto de vista, não há, necessariamente, um gênero intelectual. O que há é uma maneira de recorrer à linguagem a fim de construir posicionamentos discursivos no mundo intelectual. Por exemplo, no espaço social – e aqui eu diria que ser intelectual é uma questão ligada às práticas sociais –, atividades discursivas constroem intelectuais e suas posições de subjetividade. Por conseguinte, o discurso intelectual não é algo organizado por um gênero específico, mas se manifesta em uma diversidade de gêneros que se articulam. Trata-se, sobretudo, de uma prática que constitui um espaço social intelectual, um espaço com figuras específicas: há um fulano, um ciclano e um beltrano que é imposto por esse discurso e se estabelece, por exemplo, no campo acadêmico, no caso de minhas pesquisas. Não se trata de marcadores na materialidade linguística, mas, acima de tudo, das práticas de diversos atores que participam dos discursos intelectuais.

Para mim, o discurso é algo muito heterogêneo que, além de sua heterogeneidade interna, abrange a coexistência entre diferentes gêneros. Acho verdadeiramente impossível dar conta da dimensão social do discurso analisando apenas os gêneros, tendo em vista

que estes sejam algo socialmente instituído, além de sua imensa variedade, considerando, por exemplo, todos os tipos de gêneros mobilizados no discurso intelectual. A questão me parece ser como certos participantes são impostos ou estabelecidos, juntamente com suas posições de subjetividade. Trata-se de um processo social e não de algo que possa ser ligado aos textos, embora, por outro lado, seja necessário compreender como os textos que participam desse processo, ao circularem, contribuem para as ações e reações dos participantes do discurso ao estabelecerem uma posição intelectual. Com efeito, essas dinâmicas sociais não estão nos livros, ainda que se analise a materialidade linguística. É algo que está fora do texto, mas ao mesmo tempo, tudo o que temos é o texto.

H.O. As figuras de Lacan e Foucault estão presentes tanto no campo acadêmico, quanto no campo intelectual. Eles produziram teorias no âmbito das ciências humanas, portanto, no campo científico/acadêmico, e também participaram da esfera intelectual e política da época. De maneira diferente, Picasso, por exemplo, marcou seu pertencimento ao discurso intelectual pela via artística, sobretudo por aquilo que se pode chamar de arte engajada, que resultou em obras maravilhosas como Guernica. Pode-se pensar que todo acadêmico (cientista) é um intelectual, mas nem todo intelectual é acadêmico? Para colocar a questão em termos de funcionamento discursivo: sempre que há discurso acadêmico-científico, há também (sobreposto, atravessado, simultâneo) discurso intelectual, embora a premissa contrária não seja verdadeira?

J.A. Eu diria que cada um pode ter sua visão desse tema. Para mim, a atividade intelectual conecta diferentes domínios: teóricos, artísticos e políticos¹. A maioria de meus colegas são pesquisadores e teóricos acadêmicos, mas não intelectuais no sentido que considero em meus trabalhos. Há muito pouco engajamento em política ou em movimentos artísticos, embora seja demasiado artificial conceber o discurso acadêmico como restrito à uma atividade única. Esta atividade engloba muitas arenas sociais, na medida em que o discurso acadêmico não se concentra jamais em um único espaço. Nesse sentido, haverá sempre uma dimensão intelectual no discurso acadêmico. Entretanto, se observarmos as ambições dos colegas nas universidades, no sentido de participar das questões públicas, de se pronunciar sobre as questões políticas, de se interessar pela arte, praticamente não os encontramos, exceto pouquíssimas exceções. Falamos disso há pouco, mas repito que, atualmente, na França, há muitos analistas do discurso que não são intelectuais, pois se dedicam mais às disciplinas, às especializações – algo que lamento.

H.O. Isso leva a outra questão: qual seria a diferença entre o discurso intelectual e os discursos constituintes propostos por Maingueneau (2000), como a religião e a filosofia, por exemplo? Haveria uma “fonte superior” (talvez a “razão”) na origem dos discursos intelectuais ou cada manifestação discursiva desse tipo está ligada necessariamente à vida e à obra de um intelectual específico, em uma configuração específica (embora, evidentemente, os mesmos intelectuais de uma época possam compartilhar as mesmas posições).

J.A. O discurso intelectual é um fenômeno heterogêneo, um híbrido interdiscursivo. Eu não vejo como poderíamos relacioná-lo a uma fonte única e, sobretudo, a uma “razão intelectual superior”. Trata-se, sobretudo, do cruzamento de diferentes fontes. Assim como a polifonia, ele não se articula facilmente à ideia de que haja uma fonte superior ao discurso. Eu diria que os discursos que Dominique Maingueneau identificou como discursos constituintes, participariam do discurso intelectual como parte da heterogeneidade e hibridez deste último. Concordo que, historicamente, produzam-se hierarquias entre discursos, discursos mais raros, mais autônomos etc. Em um determinado momento, talvez a religião e a filosofia tenham sido suportes para discursos que tinham essa ambição de falar no lugar de muitos outros, mas, atualmente, isso mudou bastante. É difícil determinar com clareza quais seriam os discursos constituintes hoje em dia. Talvez a economia... antes dos demais. De qualquer forma, sei que fora da Europa a situação é diferente, há movimentos religiosos muito importantes na cena política, por exemplo nos Estados Unidos e em países da África, enfim, isso depende do contexto social. Na França e em outros países europeus, posso dizer que a religião é algo bastante privado, não é tão pertinente quanto a política.

H.O. Gostaria que você falasse um pouco sobre a presença das metáforas no seu texto. Para citar dois exemplos, Althusser é considerado como um gerente de vendas que categoriza e identifica os produtos (conceitos) antes de colocá-los à venda aos

¹ Um panorama sobre as origens da noção de discurso intelectual proposta pelo autor, pode ser encontrado em Angermüller (2015).

clientes (leitores); e Lacan é um estrategista militar que conduz uma batalha campal entre os defensores e detratores de Freud. Essas metáforas me parecem transitar entre um traço estilístico e um caráter didático.

J.A. De fato, eu as produzi conscientemente, tendo em vista uma tradição da linguística da enunciação, da análise do discurso, dos estudos da polifonia, que são muito analíticas, no sentido de fazerem abstrações da complexidade do objeto, e eu considero que as metáforas sejam algo que permitem ver a complexidade discursiva, que são menos abstratas, talvez, que a análise de uma voz e de outra que a nega, então, eu gostaria de mostrar a contextualização dos enunciados, e é algo que se passa em espaços sociais bem complexos, com posições muito diferenciadas e tênues e, às vezes, não é algo que possamos simplesmente descrever utilizando uma técnica de análise. É por esta razão que eu insisti, talvez em excesso, nas metáforas para mostrar que, se aplicamos as ferramentas de polifonia, por exemplo, é possível ultrapassar a análise de uma voz específica, e alcançar todo um conjunto de vozes, no intuito de compreendê-las. Sobretudo no caso dessa geração sobre a qual apresentamos as visões: as visões intelectuais, as visões políticas, as visões teóricas, a partir das quais vemos se abrir grandes espaços de pensamento, de posicionamentos e, então, me pareceu um pouco limitada uma abordagem que mostrasse, de maneira reduzida, apenas os pequenos aspectos. Assim, é preciso compreender que se trata de uma atividade discursiva muito heterogênea, muito complexa, e nesse caso, as metáforas ativam a cena, os espaços discursivos, não se trata de apenas uma voz contra outra, mas, na verdade, de toda uma cenografia, retomando uma noção de Maingueneau (2008 [1984]).

H.O. A figura do leitor evocada pelo texto também me pareceu bastante peculiar: trata-se de um leitor ativo, capaz de fazer escolhas e tomar decisões ao longo de seu percurso de leitura. O que você diria a alguém que considerasse esse leitor incompatível com a categoria de leitor típica da AD, a saber, um leitor cuja interpretação dos textos dependerá de seu posicionamento ideológico e discursivo determinado antes e alhures do ato de leitura? Trata-se de uma espécie de leitor modelo, ideal?

J.A. A noção de leitor na AD francesa o considera, grosseiramente falando, um tanto passivo. É como se cada leitor se submetesse a um regime discursivo de posicionamento, de marcas discursivas da enunciação etc. Por outro lado, eu penso que faz diferença perguntar-se: quem é o leitor? O leitor não é somente uma instância neutra que executa as instruções do texto, pois há sempre uma dimensão prática. A interpretação não é uma atividade determinada pela linguagem, mas é uma atividade em que os recursos linguísticos e semânticos são mobilizados por seres que são práticos, tendo em vista a produção de sentidos que são sempre específicos. Há não apenas a tradição alemã por trás dessa figura de leitor ativo, mas também a tradição praxiológica interacionista anglo-americana que insiste bastante na ideia de que o discurso não é algo pronto a partir do qual o leitor, o participante do discurso nada faz além de aplicar os recursos, as regras, conectar elos discursivos já estabelecidos, mas é algo ativo em que ele joga com a linguagem. Há sempre caminhos a serem percorridos, implicações de sentidos menos ou mais estabelecidos no espaço social e a apropriação concreta por um indivíduo, em um contexto específico. Não é algo automático, há sempre um aspecto prático em que a interpretação, é claro, recorre à linguagem, mas, logo depois, há também algo que não se pode dar conta recorrendo unicamente à linguagem. Essa concepção vem, sobretudo, de tradições exteriores à França. Além disso, há esse lado sociológico dos meus trabalhos, no qual os seres humanos, ou mesmo os agentes, ou instâncias que se diferenciam, são apenas estruturas abstratas e, nesse caso, é preciso reconhecer o lado pós-estruturalista do livro. Se nos damos conta da dimensão do poder no discurso, é preciso observar aquilo que faz, não faz ou poderiam fazer os participantes do discurso. Com efeito, se não considerarmos o discurso como uma prática desde o início, uma prática real dos participantes do discurso, seria difícil, na minha concepção, perceber que há aqueles que podem dizer certas coisas, enquanto há outros não ocupam a posição discursiva necessária para dizer o mesmo. Por esta razão, se apagamos o leitor como problemática, deixamos de lado muitas coisas assaz importantes para o espaço social. Nesse sentido, vejo uma certa abertura da AD no mundo anglo-saxão. Se você observar meus trabalhos mais recentes sobre o discurso como uma prática, eu sou um pouco mais explícito sobre a noção de um discurso como prática concreta, das pessoas reais (ANGERMULLER, 2013). Há muitos casos em que os leitores não fazem nada além de discutir um pouco aquilo que já está ali e, paciência, nós funcionamos desse jeito, nós somos seres um pouco preguiçosos, nós repetimos. Mas, ao mesmo tempo, há alguma coisa que se pode fazer, e é justamente essa tensão que parece ser interessante para a AD francesa, é algo que nos permitiria ir um pouco mais longe, e recuperar questões relacionadas à ideologia, ao poder, às práticas sociais, e situar a AD nas ciências sociais.

REFERÊNCIAS

ANGERMULLER, J. Cómo ser un filósofo académico: el discurso como práctica de posicionamiento en varios niveles. *Sociología histórica*, n.2, 291-320, 2013. Disponível em: <http://revistas.um.es/sh/article/view/189011>. Acesso em: 28 out. 2018.

ANGERMULLER, J. Why there is no poststructuralism in France. The making of an intellectual generation. London: Bloomsbury, 2015.

ANGERMULLER, Johannes. *Análise do discurso pós-estruturalista: as vozes do sujeito em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers*. Tradução de Roberto Baronas et al. Campinas: Pontes, 2016.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral i*. Tradução de Maria G. Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 1976.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.[1984].

MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson B. Costa. *Revista do GELNE*, Fortaleza, v.2, n.2, p.167-178, 2000.



Recebida em 03/11/2018. Aceita em 05/11/2018.